

HABACUC E OS HOMÚNCULOS

Moacyr Scliar

Excerto

Habacuc viajou para a Caldéia. Aceito na Ordem dos Magos, lá ficou vinte anos. Vinte anos que lhe consumiram a juventude, e o transformaram num homem encurvado, decrepito. Mas não podia, rigorosamente, queixar-se de ter perdido tempo. Aprendera muito; na verdade destacava-se, entre os magos, pelo cabedal de conhecimentos. Dominava as ciências divinatórias; a quiromancia e a astrologia não lhe recusavam seus segredos. Nobres e potentados consultavam-no seguidamente.

Mas não estava satisfeito. Acalentava um ambicioso, e inusitado, projeto: queria fabricar um homem em miniatura, um homúnculo. Por que, nem ele mesmo saberia dizê-lo. Mas era um desejo imperioso, uma verdadeira obsessão, à qual os outros magos reagiam com apreensão e temor. Sabiam tratar-se de tarefa de extraordinária envergadura, que já havia levado vários à loucura e mesmo à morte. Porque,

explicavam, a confecção de tal criatura transcendia os limites da simples magia.

– O homúnculo – dizia o mais velho dos magos, um ancião cego – é mais do que um ser de proporções reduzidas. Criar um homúnculo significa projetar sobre a matéria viva uma minúscula imagem interior, resultante de extremo auto-sacrifício. Quem quer o homúnculo deve levá-lo dentro de si, como o fruto à semente. E deve esperar que sua própria carcaça apodreça, para então liberá-lo. Só no espaço interno, criado pela capacidade de renúncia, é que será gerada a energia necessária para animar o homúnculo e dar-lhe vida. O que ninguém até hoje, conseguiu – arrematava, solene, e até ameaçador.

Habacuc não acreditava nestas sombrias advertências. Certos ossinhos que encontrara num desvão do templo. . . Pequenos macacos? Habacuc suspeitava que não, que aquilo eram mesmo os despojos de minúsculos seres humanos. Criados em segredo, decerto. A cautela dos magos em ocultar tal tipo de experiência justificava-se: em mãos leigas um homúnculo poderia se prestar a finalidades espúrias. O tesouro real já não estaria mais protegido; a criatura poderia facilmente passar pelas grades, trazendo consigo lingotes de ouro e as preciosas jóias.

Habacuc, porém, não desistia. Chagava a sonhar com homúnculos. Com homúnculos e mulhériculas. Via milhares de pequeninas criaturas, frágeis como larvas, agitando-se e emitindo débeis vagidos; colhia uma mancheia, apertava-a amorosamente contra o seio anelante. Uma vez, (castigo?) este sonho deu lugar a um pesadelo, minuciosamente narrado por ele no Livro das Origens. Às margens de um grande rio, o cadáver de um homem. Homúnculos, centenas deles, aproximam-se, escalam o corpo do morto, e, armados dos necessários instrumentos, incisam a pele do tórax, cortam os músculos, serram as costelas, removem o plastrão esternal, extraem coração e pulmões; feito o quê, e com grande esforço, arrastam o cadáver para o rio. Tão logo começa a

flutuar, pulam para dentro da cavidade torácica, acomodam-se ali, como marinheiros a bordo de uma embarcação. E lá se vão, levados pela correnteza, enquanto Habacuc corre pela margem. Quer gritar – esperem por mim, esperem por mim – mas a voz não lhe sai. E então, constata, horrorizado, que o cadáver tem sua própria face: é ele o morto.

Os sonhos dos magos têm efeito poderoso, e maligno: depois deste pesadelo, Habacuc adoeceu gravemente; por várias semanas ficou entre a vida e a morte.

Seguiu-se uma longa convalescença, durante a qual uma convicção foi crescente nele: aproximava-se o momento em que poderia criar o homúnculo. Após a pavorosa queda, iniciava-se a ascensão. Em breve estaria perto da fonte de toda a energia. Em breve receberia, da mão de Deus, o poder de que necessitava para realizar a magna obra. Como dissera o mago, já carregava dentro de si a forma compactada, contraída, de seu próprio ser. Tudo agora era questão de tempo.

Uma madrugada despertou com o tatarar de grandes asas. Era a águia de Salomão que vinha buscá-lo.